



VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

Livro de Atas

VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia

Organizadores

Anabela Pereira, Manuela Calheiros, Paula Vagos, Inês Direito, Sara Monteiro, Carlos Fernandes da Silva, & Ana Allen Gomes

Editor: Associação Portuguesa de Psicologia

ISBN: 978-989-96606-1-8

Comissão Científica

Margarida Gaspar de Matos (FMH-UNL)
Sidónio Serpa (FMH-UNL)
Mariana Pires Marques (FM-UC)
Margarida Pedroso Lima (FPCE-UC)
Ana Paula Relvas (FPCE-UC)
Ana Paula Soares Matos (FPCE-UC)
Madalena Alarcão (FPCE-UC)
Cristina Canavarro (FPCE-UC)
Adelino Duarte Gomes (FPCE-UC)
Maria Paula Paixão (FPCE-UC)
Salomé Pinho (FPCE-UC)
Mário Simões (FPCE-UC)
Fernando Barbosa (FPCE-UP)
Conceição Nogueira (FPCE-UP)
Isabel Menezes (FPCE-UP)
Jorge Negreiros (FPCE-UP)
José Luis Pais Ribeiro (FPCE-UP)
José Marques (FPCE-UP)
Marianne Lacomblez (FPCE-UP)
Marina Lemos (FPCE-UP)
Orlinda Cruz (FPCE-UP)
Paula Mena Matos (FPCE-UP)
Luísa Barros (FP-UL)
Maria José Chambel (FP-UL)
Rosa Novo (FP-UL)
António Branco Vasco (FP-UL)
Mário Ferreira (FP-UL)
Jorge Vala (ICS-UL)
Carlos Albuquerque (IP Viseu)
Paula Castro (ISCTE, IUL)
Luísa Lima (ISCTE, IUL)
Isabel Correia (ISCTE, IUL)
Lígia Amâncio (ISCTE, IUL)
Teresa Garcia-Marques (ISPA)
Isabel Maria Pereira Leal (ISPA)
Maria Margarida Alves Martins (ISPA)
José Ornelas (ISPA)
Teresa Oliveira (ISPA)
Alexandra Reis (U. Algarve)
Gabriela Gonçalves (U. Algarve)
Saúl Neves de Jesus (U. Algarve)
Carolina Sousa (U. Algarve)
Óscar Ribeiro (U. Aveiro)
Carlos Fernandes da Silva (U. Aveiro)
Isabel Santos (U. Aveiro)
Josefa Pandeirada (U. Aveiro)
Paula Vagos (U. Aveiro)
Ricardo Teixeira (U. Aveiro)
Sandra Soares (U. Aveiro)
Ana Allen Gomes (U. Aveiro)

Gabriela Portugal (U. Aveiro)
Liliana Sousa (U. Aveiro)
Sara Monteiro (U. Aveiro)
Madalena Melo (U. Évora)
Nuno Rebelo dos Santos (U. Évora)
Ana Sani (U. F. P.)
Rute Meneses (U. F. P.)
Feliciano Veiga (U. Lisboa)
Carlos Poiares (U. Lusófona)
Ana Tomás Almeida (U. Minho)
Isabel Soares (U. Minho)
João Lopes (U. Minho)
José Cruz (U. Minho)
Maria do Céu Taveira (U. Minho)
Óscar Gonçalves (U. Minho)
Miguel Gonçalves (U. Minho)
Rui Abrunhosa (U. Minho)
Maria da Graça Pereira (U. Minho)
José Jacinto Vasconcelos Raposo (UTAD)
Anabela Pereira (U. Aveiro)
Manuela Calheiros (ISCTE-IUL/ DIR APP)
Salomé Vieira Santos (FP-UL/DIR APP)
Margarida Vaz Garrido (ISCTE-IUL/ DIR APP)
Isabel Sá (FP-UL/DIR APP)
Isabel Alberto (FPCE-UC)
São Luís Castro (FPCE-UC)
Frederico Marques (FP-UL)
Leонel Garcia-Marques (FP-UL)
Maria Guilhermina Lobato (FP-UL)
Maria Teresa Ribeiro (FP-UL)
Cristina Soeiro (I.S.P. Judiciária)
Ana Passos (ISCTE, IUL)
Ana Cristina Quelhas (ISPA)
Manuel Joaquim Loureiro (U.B.I.)
Ana Tomás Almeida (U. Minho)
Paulo Machado (U. Minho)
Diniz Lopes (ISCTE, IUL)
António Fonseca (FADEUP-UP)
Maria Filomena Gaspar (FPCE-UC)
Anne Marie Fontaine (FPCE-UC)
Eduarda Duarte (FP-UL)
Sven Waldzus (ISCTE, IUL)
Teresa Medeiros (FPCE-UC)
Maria Elisa Chaleta (U. Évora)
José Keating (U. Minho)
Pedro Albuquerque (U. Minho)
Miguel Pina e Cunha (U. Nova)
Jorge Gomes (ISEG)
Telmo Mourinho Baptista (FP-UL)
Margarida Veiga Simão (FP-UL)

Prefácio

As circunstâncias atuais que o país e o mundo atravessam colocam desafios e riscos acrescidos ao bem-estar e saúde dos indivíduos. Face aos crescentes desafios que o delicado equilíbrio entre a necessidade de desenvolvimento e crescimento económico e as potenciais consequências psicológicas e sociais que estes desafios implicam, a Associação Portuguesa de Psicologia (APP) considera que a investigação e intervenção em Psicologia assumem cada vez mais relevância.

E é com o objectivo de fortalecer a investigação em Psicologia que a Associação Portuguesa de Psicologia, em colaboração com a Universidade de Aveiro realiza o VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia e edita a maioria dos seus trabalhos neste livro de actas.

Desde o seu início a APP tem vindo a dar a maior relevância ao papel da investigação e da intervenção na comunidade científica não só através da organização de simpósios nacionais como o presente simpósio, como apoiando a integração de investigadores em redes internacionais, a publicação de trabalhos na revista psicologia e ainda apoiando e divulgando outras iniciativas individuais ou colectivas dos seus associados.

À semelhança das edições anteriores, o objetivo deste livro é o de reunir trabalhos de investigadores de diversas áreas de especialidade e de diferentes inserções institucionais, interessados em apresentar os seus trabalhos de investigação.

Pretende-se também estimular a participação de estudantes de graduação e pós-graduação, permitindo-lhes o contacto com trabalhos e perspectivas externas à organização em que estudam. Saber como os outros fazem, mostrar o que fazem. Os ganhos desta aproximação entre investigadores seniores e jovens ainda em preparação, reflectem-se nas práticas das organizações académicas e permitem conquistas para a Psicologia, na descoberta de novas formas de aplicação da Psicologia, em última análise, uma maior presença dos psicólogos na sociedade e ao serviço dos cidadãos.

Neste momento em que a investigação em Psicologia mostra uma vitalidade e uma abrangência crescentes e em que os campos de aplicação da disciplina se vêm alargando, é imperioso reflectir sobre os trilhos da investigação e os rumos do futuro, sobre a diversidade das metodologias e das técnicas, sobre as relações entre os domínios teóricos e os aplicados e sobre as pontes de diálogo com as disciplinas que partilham espaços próximos.

Assim, o programa deste livro integra um conjunto alargado de áreas científicas, proporcionando oportunidades para divulgar conhecimentos e promover a cooperação científica e profissional, e promove o diálogo construtivo dos rumos da investigação em Psicologia no nosso país. Nesta edição penso que todos podemos assistir à diversidade, vitalidade e qualidade do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido em Psicologia no nosso país. Destacarei apenas dois aspectos que me merecem particular atenção: Em primeiro lugar saliento a diversidade e actualidade dos temas debatidos que incluem os diferentes níveis de análise da Psicologia através de áreas e metodologias de investigação tão distintas. Assim, destaco o programa de trabalhos pelo enfoque nas tendências actuais de investigação em psicologia com a partilha de conhecimentos e experiências entre académicos com vista ao desenvolvimento e bem-estar dos indivíduos e simultaneamente à melhoria da produtividade, inovação e qualidade nas organizações de investigação e de ensino.

Esta diversidade não se resume aos temas abordados mas será também observada no que diz respeito à heterogeneidade dos participantes neste livro. De facto, assistimos a publicações oriundas do meio académico realizadas por investigadores seniores mas também de jovens investigadores e alunos de programas doutorais e de mestrado.

Pela Organização do VIII Simpósio de Investigação em Psicologia

Maria Manuela Calheiros

A Influência dos estados emocionais e tipo de processamento na produção de memórias falsas

Sónia Silva¹, Paula Carneiro², & Patrícia Arriaga³

1. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa

2. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

3. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIS-IUL, Lisboa

Resumo: Procurou-se perceber se os estados emocionais e o tipo de instrução (item-específico vs. relacional vs. *standard*) interferem na produção de memórias falsas. Foi usado o paradigma DRM (Deese-Roediger-McDermott) para a avaliação de memórias falsas e induziram-se emoções através de memórias autobiográficas, num desenho fatorial 2 (emoção: feliz vs. triste) x 3 (instrução: item-específico vs. relacional vs. *standard*) x 2 (listas: positivas vs. negativas). Dos 120 participantes iniciais, apenas se apresenta os dados de participantes (n=77) em que o procedimento de indução de emoções se mostrou eficaz. Verificou-se um efeito de interação entre a emoção e o tipo de instrução, evidenciando que os participantes induzidos com uma emoção negativa produziram mais memórias falsas quando seguem uma instrução *standard*. Não se encontrou um estilo preferencial de codificação nas memórias falsas.

Palavras-chave: Memórias falsas; estados emocionais; estratégias de codificação.

INTRODUÇÃO

A memória tem vindo a despertar a atenção dos investigadores, pela sua relevância na reconstrução dos acontecimentos e pela sua suscetibilidade a determinados erros cognitivos (Koriat, Goldsmith & Pansky, 2000).

Roediger e McDermott, (1955) desenvolverem um paradigma de avaliação de memórias falsas, designado Deese-Roediger-McDermott (DRM). Este paradigma foi desenvolvido inicialmente por Deese (1959), com o objetivo de avaliar a produção de memórias falsas em tarefas de recordação e reconhecimento, com recurso a um conjunto de listas de palavras associadas a um item crítico (tema da lista). Neste procedimento, os participantes realizam uma tarefa de recordação de listas de palavras, omitindo-se inicialmente o item crítico e seguido pela realização de uma tarefa de recordação ou reconhecimento. Nestas tarefas, os participantes tendem a recordar falsamente o item crítico como tendo estado presente na lista.

Vários estudos têm sido desenvolvidos com o procedimento DRM, nomeadamente ao nível das estratégias cognitivas utilizadas na recuperação da memória (Brainerd & Reyna, 1990; Hodge & Otani, 1996; McCabe, Presmanes, Robertson & Smith, 2004; Meyers-Levy, 1991; Smith & Hunt, 1998). Na literatura identificam-se dois tipos de processamento que facilitam a recuperação da memória: o processamento item-específico, que permite diferenciar os objetos/acontecimentos e que os torna únicos e específicos; e o processamento de tipo relacional, que tende a associar os aspectos comuns dos objetos/acontecimentos, agregando-os em temas ou categorias comuns (Hodge & Otani, 1996; McCabe et. al, 2004; Meyers-Levy, 1991; Smith & Hunt, 1998). Por exemplo, McCabe e colaboradores (2004) verificaram que as estratégias de tipo item-específico impedem as intrusões cognitivas reduzindo a formação de memórias falsas, por permitir a monitorização das palavras da lista e aumentar a eficiência da memória.

Relativamente à influência do estado emocional na produção de memórias falsas, alguns estudos evidenciam a capacidade de os indivíduos ficarem mais vulneráveis para assimilarem detalhes e acontecimentos incorretos como sendo verdadeiros, quando se encontram em estados emocionais positivos (Forgas & East, 2008; Forgas, Laham & Vargas, 2005). Por exemplo, Forgas e colaboradores

(2005) encontraram evidência de que os após indução de um estado emocional positivo, os participantes tendiam a incorporar mais informação enganosa do que aqueles que se encontravam num estado emocional negativo. Storbeck e Clore (2005/2011) concluíram que um estado emocional negativo pode ter um efeito protetor na produção de memórias falsas, ao ativar um processamento item-específico, resultando assim em maior facilidade na rejeição de intrusões ou falsos alarmes na memória.

Por outro lado, outros autores identificam a ocorrência de memórias falsas decorrentes, por exemplo, da valência do material (Brainerd, Stein, Silveira, Rohenkohl & Reyna, 2008; Dehon, LarØi, & Van der Linden, 2010; Pesta, Murphy & Sanders, 2001). Por exemplo, os autores da teoria do traço difuso (Brainerd et al. 2008) encontraram valores superiores de memórias falsas para listas negativas face a listas positivas e neutras. A Teoria do Traço Difuso (*Fuzzy-Trace Theory*), proposta por Brainerd e Reyna em 1988 (Brainerd & Reyna, 1990), defende que os indivíduos ao longo do seu desenvolvimento apresentam modos diferentes de apreensão da realidade, nomeadamente através de um estilo *Gist* (tipo relacional/avaliação global) e de um estilo *Verbatim* (item-específico/avaliação específica). Estes defendem que as emoções negativas aumentam a probabilidade da extração do *gist*, uma vez que acentuam o papel das relações semânticas entre as palavras da lista, contribuindo para categorizar e mais rapidamente interpretar o tema comum, pelo que ao nível da memória tendem a ocorrer mais falhas e consequentemente são mais recordados os itens críticos das listas (Brainerd et al., 2008/2010). A teoria do traço difuso postula que ocorrem mais memórias falsas perante uma instrução de tipo relacional após indução de um estado emocional negativo, uma vez que as emoções negativas podem aumentar a extração do *gist*, isto é, aumentar as relações de familiaridade entre as palavras da lista (Brainerd et al., 2008/2010).

Outros estudos têm ainda sublinhado a congruência entre o estado emocional e a valência do material (Ruci, Tomes & Zelenski, 2009), ou seja, ocorrendo mais memórias falsas quando a valência das listas é congruente com o estado emocional dos participantes (positivo-positivo; negativo-negativo). Estes autores explicam os seus resultados com base nos pressupostos teóricos do modelo da ativação/monitorização, considerando que um estado emocional congruente com as palavras da lista providencia uma fonte adicional na ativação da força associativa das palavras ao item crítico.

Com o presente estudo recorreu-se à utilização da tarefa DRM com as adaptações propostas por McCabe e coautores (2004), designadamente em relação ao tipo de instrução dada para a codificação da informação (item-específico, relacional e *standard*). Foi analisado o efeito do estado emocional dos participantes na tarefa de recordação. Para induzir um estado emocional recorreu-se a um procedimento baseado em memórias autobiográficas (cf. Detweiler-Bedell, Detweiler-Bedell, & Salovey, 2006; Forgas et al., 2005). Procurou-se ainda corresponder os estilos de codificação propostos por Lewicki (2005) à metodologia das memórias falsas.

Como primeiro objetivo, procurou-se perceber se o tipo de instrução³ afeta a produção de memórias falsas e se este efeito depende ainda do estado emocional em que o participante se encontra, tal como observado por Ruci e coautores (2009).

Tendo em consideração a inexistência de consenso relativamente à influência das emoções na produção de memórias falsas, não avançamos nenhuma hipótese específica. Esta ausência de consenso torna pertinente o estudo da indução de emoções juntamente com o tipo de processamento adotado (mais relacional ou mais item-específico).

De acordo com a teoria do traço difuso seria de prever que os estados emocionais negativos induzissem a mais memórias falsas. Contudo, de acordo com Storbeck e Clore (2005/2011), seria de

³ Na condição item-específico foi solicitado aos participantes para pensarem nas características únicas de cada palavra que a diferenciava das outras palavras da lista; na condição relacional para tentarem relacionar as palavras da lista e se concentrarem no que as palavras teriam de comum; na condição standard não foi dada nenhuma orientação para a codificação das palavras.

esperar que a emoção positiva levasse a um aumento do processamento relacional, o qual por sua vez conduziria a um maior número de intrusões de memória. Neste caso, seria de prever maior produção de memórias falsas nos participantes induzidos positivamente tendo seguido uma instrução relacional. Por sua vez, esperaríamos obter um menor número de memórias falsas em participantes induzidos negativamente e instruídos a seguir um processamento item-específico.

Como segundo objetivo, pretendeu-se perceber se a produção de memória falsas tende a ocorrer com maior frequência quando existe congruência entre o estados emocional e a valência do material (i.e. estado emocional positivo e estímulo de valência positiva; estado emocional negativo e estímulo de valência negativa), tal como já previamente testado por Ruci e colaboradores (2009).

Como terceiro objetivo, procurou-se perceber até que ponto os estilos de codificação interno e externo (Lewicki, 2005) contribuem para a quantidade de memórias falsas produzidas. Tendo em conta o estudo de Dehon, LarØi e Van der Linden (2011), é esperado que o estilo de codificação interno se associe a uma maior produção de memórias falsas do que o estilo de codificação externo, pelo facto de envolver mecanismos de decisão mais rápidos e intuitivos.

No presente estudo, foi delineado um plano fatorial de 3 (instrução: item-específico vs. relacional vs. standard) x 2 (tipo de emoção: feliz vs. triste) x 2 (lista: positiva vs. negativa), tendo como variável dependente a produção de memórias falsas.

ESTUDO PILOTO

METODOLOGIA

Objetivos. Foi realizado um estudo prévio para a seleção de listas de palavras a serem utilizadas no estudo experimental propriamente dito. Com base na lista de palavras formadas por associação retrógrada (*backward associative strength*; BAS) para o estudo das falsas memórias (Carneiro, Ramos, Costa, Garcia-Marques, & Albuquerque, 2011), selecionou-se as listas de valência mais positiva e negativa, procurando controlar fatores que podem influenciar a produção de memórias falsas, como a ativação emocional, a concreteza, a familiaridade, a identificabilidade, a BAS e a frequência na língua (Dehon et al., 2010; Palmer & Dodson, 2009).

Participantes. Participaram numa fase inicial 45 estudantes universitários da Licenciatura em Psicologia na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo sido excluídos dois participantes pelo elevado número de respostas omissas e duplas respostas. Os 43 participantes têm idade compreendida entre os 18-50 anos ($M=19.9$ anos), sendo 84% do sexo feminino.

Instrumentos.

Lista de palavras DRM. Com base nas listas de palavras de Carneiro e colaboradores (2011), selecionou-se 79 itens críticos, com o intuito de avaliar a valência e a ativação emocional, em escalas de 7 pontos que variaram respetivamente entre 1 (*negativo*) e 7 (*positivo*), e entre 1 (*nada ativador*) e 7 (*muito ativador*).

RESULTADOS

Foram selecionadas as palavras críticas cuja média de valência se mostrou superior a seis (i.e., indicativas de palavras muito positivas: água, alegria, amigo, amor, ar, bom, felicidade, liberdade, mar, música, paz, praia, sol, verão e vida); e inferior a dois (i.e., indicativas de valência muito negativa: doença, dor, fome, lixo, mau, morte, prisão, sujo e tristeza).

Para assegurar que no presente estudo as listas apresentam dimensões semelhantes, foi feita uma comparação entre as listas em relação à ativação emocional, ao número de letras de cada palavra, à familiaridade, à concreteza, à frequência na língua e BAS. De acordo com os resultados, não existem

diferenças significativas entre os dois grupos de listas (valência positiva e negativa) nos seis indicadores: ativação emocional ($M_{positiva}=5.47$ vs. $M_{negativa}=4.69$, $t(8)=2.06$, $p=.073$), número de letras ($M_{positiva}=3.40$ vs. $M_{negativa}=4.80$, $t(8)=-1.18$, $p=.271$), familiaridade ($M_{positiva}=5.83$ vs. $M_{negativa}=5.22$, $t(8)=2.07$, $p=.072$), concreteza ($M_{positiva}=4.41$ vs. $M_{negativa}=3.58$, $t(8)=1.18$, $p=.270$), frequência na língua ($M_{positiva}=2889.40$ vs. $M_{negativa}=1787.40$, $t(8)=1.48$, $p=.178$) e força associativa das palavras (BAS) ($M_{positiva}=2.65$ vs. $M_{negativa}=2.02$, $t(8) = .81$, $p=.44$), tendo sido selecionadas assim as dez listas de palavras: cinco de valência positiva (ar, mar, música, paz, sol); e cinco de valência negativa (doença, dor, fome, mau, tristeza).

ESTUDO EXPERIMENTAL

METODOLOGIA

Participantes. De uma amostra inicial de 151 participantes, um participante desistiu no início do estudo; e 30 foram eliminados por apresentarem índices de depressão (CES-D ≥ 20). Considerou-se ainda necessário excluir os participantes que avaliaram o seu estado emocional de forma incongruente com a indução [i.e., participantes cuja avaliação do estado emocional na condição positiva (feliz) diminuiu entre a primeira (início) e a segunda avaliação (após indução); e aqueles cuja avaliação emocional aumentou entre a primeira e a segunda avaliação na condição negativa (triste)]. Foram ainda eliminados os participantes cuja avaliação do estado emocional na fase pós-indução de emoções mostrou ser de estado moderado (avaliação igual a quatro). Assim, no presente estudo são apenas considerados 77 participantes, entre os 19-55 anos de idade ($M=25.99$, $DP=7.07$).

De forma a assegurar uma idade equilibrada entre as diferentes condições, comparámos as médias nas diferentes condições. Verificou-se não existirem diferenças significativas entre a idade dos participantes e a sua distribuição pelos grupos em função do tipo de emoção induzida (feliz vs. triste) ($t(75)=-.569$; $p=.571$) (feliz: $M=26.39$, $DP=8.05$; triste: $M=25.45$, $DP=5.59$). Verificou-se também não existirem diferenças significativas na média de idades dos participantes entre as três condições de tipo de processamento ($F(2,74)=.088$, $p=.916$) (item-específico: $M=25.76$, $DP=6.77$; relacional: $M=26.48$, $DP=8.25$; standard: $M=25.74$, $DP=6.39$).

Instrumentos.

Indução de emoções. Com base nos estudos desenvolvidos porForgas e coautores (2005) e Detweiler-Bedell e coautores (2006), recorreu-se a um procedimento de indução de emoções através de memórias autobiográficas. Nesta tarefa foi dada a seguinte instrução que variou em função do estado emocional (feliz ou triste): *"A tarefa que se segue relaciona-se com acontecimentos de vida, alheios ao presente estudo, pelo que aquilo que se pretende é que identifique um acontecimento social específico que tenha ocorrido na sua vida e que o tenha feito sentir-se feliz/triste. Imagine essa situação o mais vividamente possível. Retrace o evento como se ele estivesse a acontecer neste momento. Tente experienciar todos os detalhes da situação, sinta os mesmos sentimentos/emoções que sentiu nessa altura. Descreva esse acontecimento de que se recordou o mais vividamente possível e inclua todos os detalhes importantes. Pense nesse acontecimento, reflita sobre ele e escreva-os nesta folha. Tem aproximadamente 10 minutos para realizar esta tarefa".*

Para posterior verificação da eficácia da manipulação das emoções, foi avaliado o estado emocional dos participantes, antes e após a experiência, solicitando-os a reportarem o modo como se sentiam no momento, em termos de valência ("1 muito infeliz" a "7 muito feliz") e ativação emocional ("1 muito calmo" a "7 muito agitado"). Foi ainda avaliado o grau de dificuldade da tarefa ("1 muito difícil" a "7 muito fácil"), a vividez da imagem ("1 nada vívida" a "7 muito vívida") e o significado pessoal do acontecimento descrito ("1 sem significado" a "7 muito significado"), seguindo as recomendações de Stemmler (2003) e Martin (1990).

Questionário de Estilo de Codificação. Na procura de respostas alternativas acerca dos processos subjacentes à construção do pensamento e das percepções dos sujeitos em tarefas do dia-a-dia, Lewicki (2005) descreve dois estilos de codificação da informação, com base na organização dos esquemas interpretativos dos indivíduos às pistas ambientais: o estilo interno e o estilo externo. A diferenciação entre estilos baseia-se no pressuposto de que existe um limiar (mais baixo ou mais alto) perante a existência de categorias pré-existentes dos estímulos que conduzem a modos diferentes de codificação da informação, considerando aspetos como a velocidade e precisão/exatidão de processamento. Desta forma, o autor desenvolveu o questionário de estilo de codificação (*Encoding style questionnaire*; ESQ; Lewicki, 2005), composto por 21 itens, que visa avaliar o tipo de codificação da informação dos indivíduos (interno vs. externo). Billieux, D'Argembeau, Lewicki e Van der Linden (2009) submeteram o ESQ a uma análise confirmatória, tendo verificado, após covariação do erro entre dois itens muito semelhantes entre si (itens 8 e 11), um modelo estatístico não significativo ($\chi^2(8)=4.32$, $p=.83$) com índices de boa adequação, $RMSEA=0$, $SRMR=.04$ e $CFI=1$, e uma adequada consistência interna do instrumento ($\alpha=.77$).

O ESQ foi inicialmente traduzido para o português por três investigadores, seguindo-se a retroversão efetuada por uma pessoa fluente na língua inglesa, verificando-se não existirem discrepâncias na tradução. O questionário ficou composto por 21 itens, dos quais 6 são de diagnóstico (itens 5, 8, 11, 15, 18 e 21) e os restantes funcionam como distratores do objetivo do teste. Lewicki (2005) propõe uma escala de resposta de 6 pontos, que variou entre 1 (*discordo totalmente*) e 6 (*concordo totalmente*). Para a cotação são somados os itens de diagnóstico, sendo que uma pontuação mais alta corresponde a um estilo de codificação interno. No presente estudo, a consistência interna do instrumento mostrou-se adequada ($\alpha=.77$). Foi ainda calculada a mediana ($Med=21$) como ponto de corte para diferenciar os participantes que possuem um estilo de codificação mais interno de um estilo mais externo.

Escala de depressão do centro de estudos epidemiológicos (CES-D). Para efeitos de controlo, foi avaliado o humor depressivo por autorrelato, através da Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D, Gonçalves & Fagulha, 2003/2004). A CES-D apresenta bons níveis de consistência interna e correlação elevada com outros instrumentos de Depressão clínica, designadamente o Inventário de Beck. A escala é composta por 20 itens, avaliados numa escala de resposta de 4 pontos (0="nunca, muito raramente" a 4="com muita frequência, sempre"). A pontuação final da escala obtém-se com a soma de todos os itens, podendo variar entre 0 e 60 pontos. Gonçalves e Fagulha (2003/2004) propõem um ponto de corte nos 20 valores, justificando que a probabilidade de ocorrerem falsos negativos abaixo desse limiar, ou de falsos positivos acima deste limiar, é muito reduzida (16.4% e 22%, respetivamente).

Material. A partir do estudo piloto, foram selecionadas as dez listas de palavras, cinco de valência positiva (ar, mar, música, paz, sol) e cinco de valência negativa (doença, dor, fome, mau, tristeza). Estas foram apresentadas com 10 itens cada.

Para a realização da tarefa de memória, optou-se por uma tarefa de recordação em vez de uma tarefa de reconhecimento das palavras, uma vez que os estudos revelam que para a avaliação das memórias falsas os testes de recordação são mais informativos que os testes de reconhecimento (Hege & Dodson, 2004, citado por Palmer & Dodson, 2009).

Procedimento. A recolha dos dados ocorreu em pequenos grupos e em contexto de sala de aula (grande grupo). Aos participantes foi explicado de forma sumária o objetivo do estudo e solicitada a sua anuência para participação voluntária. A todos foi transmitido que se tratava da realização de duas tarefas, uma sobre emoções e outra sobre memória. Mais foram solicitados a que procedessem ao preenchimento de dois questionários, para além de que ao longo de toda a prova teriam que preencher pequenas escalas de autoavaliação acerca do seu estado emocional.

Foi distribuído a cada participante um caderno que elencava todas as provas, respetivas instruções e folhas de resposta. A ordem pelo qual estava organizado o caderno, seguia a ordem de aplicação dos

procedimentos (preenchimento do questionário de dados pessoais, seguido da primeira autoavaliação emocional em termos da valência e ativação, procedimento de indução de emoções, avaliação da tarefa e nova autoavaliação emocional, tarefa DRM, avaliação estado emocional, preenchimento dos dois questionários e avaliação final).

Como forma introdutória para o procedimento de indução de emoção, foi dito aos participantes para lerem com atenção a instrução, sendo que aos mesmos foi dito verbalmente que deveriam pensar e refletir sobre um acontecimento de vida e escrever em dez minutos esse acontecimento.

Para a realização da tarefa de memória DRM, utilizaram-se as listas de palavras de forma alternada (por exemplo, lista de valência positiva, seguida de lista de valência negativa e assim consecutivamente até ficaram dispostas as dez listas). No início desta tarefa, foi dito aos participantes que iriam ouvir listas de palavras e que por cada lista deveriam tentar recordar o máximo de palavras (tempo máximo: um minuto e meio), sendo registadas as palavras em folhas diferentes e previamente identificadas. Foi ainda pedido que lessem com atenção a instrução (variava mediante a condição em estudo). Na condição relacional foi dada a instrução: "enquanto ouve cada lista tente relacionar as palavras de cada lista umas com as outras e concentre-se no que as palavras têm em comum"; na condição item-específico foi dito "enquanto ouve cada lista pense nas características únicas de cada palavra que a diferenciam das outras palavras da lista"; na condição *standard* teriam de recordar as palavras da lista sem qualquer tipo de orientação específica. Foram ainda instruídos, para no final da tarefa de recordação (em cada lista) anotassem outras palavras que se lhes ocorressem.

As palavras de cada lista foram apresentadas oralmente pelo experimentador, numa cadência de 2s por palavra, num total de 10s por lista. No final da aplicação foi feito um pequeno *debriefing* e agradecimento pela participação. O procedimento para a recolha de dados durou cerca de 40 minutos.

RESULTADOS

Memórias Falsas

Para se calcular a recordação falsa (memórias falsas) nas listas positivas e negativas foi efetuada a soma das recordações falsas das cinco listas positivas e das cinco listas negativas, tendo sido cada um dos somatórios divididos pelo número de listas ($n=5$).

Posteriormente foram conduzidas análises estatísticas para a recordação de memórias falsas, tendo-se realizado um teste ANOVA 2 (emoção: feliz vs. triste) x 3 (instrução: item-específico vs. relacional vs. *standard*) x 2 (listas: positivas vs. negativas). O quadro 1 apresenta as médias e o desvio padrão para cada uma das variáveis.

Quadro 1

Proporções de recordação de itens críticos (memórias falsas) em função da valência das listas, estado emocional e tipo de instrução

Memórias Falsas												
Item-específico				Relacional				Standard				
Emoção P	Emoção N	Emoção P	Emoção N	Emoção P	Emoção N	Emoção P	Emoção N	Emoção P	Emoção N	Emoção P	Emoção N	
M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Listas P	0,21	0,25	0,10	0,11	0,29	0,26	0,09	0,14	0,23	0,23	0,26	0,24
Listas N	0,18	0,16	0,08	0,21	0,19	0,20	0,13	0,18	0,12	0,15	0,30	0,24

Nota. Emoção P – estado emocional positivo; Emoção N – estado emocional negativo; Listas P – Listas positivas; Listas N – Listas negativas

A ANOVA não revelou efeitos principais, mas mostrou um efeito de interação entre o tipo de emoção e o tipo de instrução, $F(2,71)=3.463, p=.037$. Este efeito indica que quando os participantes são induzidos para um estado emocional negativo (triste) existem diferenças na produção de memórias falsas consoante o tipo de instrução. Assim, se a tarefa de recordação não propuser qualquer tipo de orientação para a codificação da informação os participantes induzidos negativamente tendem a produzir maiores níveis de memórias falsas ($M=.28, DP=.05$) comparativamente a uma instrução de tipo item-específico ($M=.08, DP=.06$), em que se pede aos participantes para distinguirem os itens da lista.

Mais se pode apurar que quando os participantes estão induzidos a um estado emocional positivo (feliz) ocorre uma tendência significativa para uma maior produção de memórias falsas quando instruídos para relacionar cada uma das palavras da lista ($M=.24, DP=.05$), comparativamente ao tipo de instrução item-específico ($M=.19, DP=.04$) e *standard* ($M=.18, DP=.05$).

Foi ainda encontrada uma tendência para a significância na interação entre o tipo de emoção e o tipo de listas ($F(1,71)=3.300, p =.073$). Em posterior análise verifica-se que esta tendência sugere maior produção de memórias falsas quando existe congruência entre um estado emocional positivo (feliz) e a valência das listas (listas positivas) ($M=.24, DP=.03$) comparativamente à produção de memórias falsas entre estados emocionais positivos perante listas negativas ($M=.16, DP=.03$).

Considerando que um dos objetivos do presente estudo consistia em tentar corresponder o estilo de codificação interno com a produção de memórias falsas, foram comparados os estilos de codificação interno e externo relativamente à recordação falsa. Para diferenciar os participantes com estilos de codificação mais interna dos participantes que recorrem a codificação externa, foi estabelecido como ponto de corte o valor da mediana ($Med = 21$). Tal como no estudo de Dehon e colaboradores (2011), foram excluídos os participantes cuja pontuação no ESQ foi igual ao valor da mediana ($n=8$). São considerados 54 participantes com estilo de codificação externa ($Med \geq 20$) e 58 interna ($Med \geq 22$). A pontuação no ESQ variou entre 6 e 35 pontos. A comparação de médias entre os dois estilos de codificação nas memórias falsas não evidenciou diferenças estatisticamente significativas, quer em listas positivas ($t(110)=1.274, p=.205$) quer em listas negativas ($t(110)=.492, p=.624$).

CONCLUSÕES

No presente estudo procurou-se analisar se os estados emocionais e o tipo de processamento adotado (mais relacional ou item-específico) influenciam a produção de memórias falsas. A literatura tem mostrado resultados inconsistentes neste domínio. Assim, tendo em conta os estudos deForgas e East (2008), Forgas e coautores (2005), e Storbeck e Clore (2005/2011), seria de esperar que os participantes induzidos para uma emoção positiva apresentassem maior produção de memórias falsas. Por contraste, os estudos de Brainerd e coautores (2008/2010) sugerem que as emoções negativas podem contribuir para maiores memórias falsas. A pesquisa anterior (Ruci, et al., 2009) sugere ainda que a produção de memórias falsas possa ocorrer com maior frequência quando promovida a congruência entre o estado emocional do participante e a valência do material.

Dos resultados obtidos, verificou-se que os participantes induzidos para uma emoção negativa produziram mais memórias falsas quando seguiram uma instrução *standard*, comparativamente a uma instrução de tipo relacional ou item-específico. Este resultado pode ser explicado tendo em conta os pressupostos de monitorização que podem ter resultado das exigências de seguir instruções de tipo relacional ou específico. Tal como proposto anteriormente, os participantes induzidos negativamente podem ter sido os mais atentos ao processo de monitorização. Por um lado, ao serem instruídos relationalmente poderão ter tido mais facilidade em identificar os temas ausentes das listas,

facilitando a sua rejeição na altura do teste (e aplicando assim mais facilmente a estratégia identificar-para-rejeitar). Por outro lado, ao seguirem uma instrução de item específico podem ter estado mais atentos aos itens apresentados através de um processamento *verbatim*, estando assim mais aptos para desqualificarem estes itens como tendo sido apresentados (estratégia recordar-para-rejeitar). Assim, os resultados sugerem que a emoção negativa reforça os processos de monitorização quer através de estratégias identificar-para-rejeitar, quer através de estratégias recordar-para-rejeitar. Estes resultados parecem ser independentes do tipo de ativação das listas, uma vez que este fator foi controlado na fase de seleção das mesmas.

Desta forma, o que estes resultados evidenciam é que o estado emocional negativo parece interferir nos processos de memória, potenciando a produção de memórias falsas, quando livremente se processa e recupera a informação, comparativamente a quando se seguem estratégias cognitivas orientadoras, como a categorização (processamento relacional) ou a distintividade (processamento item-específico) da informação.

Apesar de alguns resultados terem-se mostrado apenas tendencialmente significativos iremos abordá-los, tendo em consideração a sua relevância para os objetivos do presente estudo. Um desses resultados refere-se à tendência para a emoção positiva produzir maiores níveis de memórias falsas quando os participantes seguem uma instrução relacional. Este resultado coincide com as observações de McCabe e colaboradores (2004), ao indicarem que um processamento de tipo relacional pode conduzir ao estabelecimento de relações semânticas entre as palavras da lista, aumentando a probabilidade da ocorrência de memórias falsas. Considerando que os mecanismos envolvidos no processamento e na recuperação funcionam em torno de organizações semânticas comuns, estas dificultam o acesso à informação específica e por consequência potenciam erros de comissão. Estes autores consideram que é o processo, e não somente o estímulo, que determina a redução de memórias falsas, pelo que o processamento item-específico encontra-se associado a uma memória mais eficiente.

Este estudo mostrou ainda a existência, ainda que de forma tendencialmente significativa, de uma interação entre o tipo de emoção e o tipo de listas, que parece indicar um maior número de memórias falsas quando se promove a congruência entre um estado emocional positivo e listas positivas. Este resultado é concordante com o obtido por Ruci e colaboradores (2009), ao ter sido encontrado um efeito significativo na ocorrência do número de memórias falsas quando se promoveu a congruência entre o estado emocional e a valência do material. Estes autores consideram que o estado emocional providencia uma fonte adicional na ativação das relações semânticas face ao estímulo apresentado.

Considerando o terceiro objetivo deste estudo, nomeadamente perceber se um estilo de codificação interno se associa a intrusões na memória (Dehon et al., 2011), os resultados obtidos, contrariamente ao esperado, mostram que não existem diferenças significativas na produção de memórias falsas entre codificadores internos e externos.

O facto de ter sido necessário eliminar um elevado número de participantes ($n=43$) por se ter verificado que a avaliação do estado emocional se mostrou incongruente com a manipulação efetuada pode ser considerada uma limitação do presente estudo. Esta incongruência pode ter ocorrido em função do contexto onde a prova foi aplicada (em grupo). Consideramos que estudos desta natureza requeiram no futuro um maior controlo do contexto e a realização preferencial das tarefas em contexto individual.

Com a realização desta experiência pretendemos contribuir para o estudo das memórias falsas e emoções, ao evidenciar que as emoções podem influenciar as memórias falsas quando estas interagem com o tipo de processamento utilizado.

AGRADECIMENTOS

O presente artigo baseia-se na dissertação de Mestrado em Psicologia das Emoções (ISCTE-IUL) da primeira autora. Agradecemos a colaboração de todos os alunos que participaram no estudo, bem como aos colaboradores do Laboratório de Psicologia Social e das Organizações (LAPSO, ISCTE-IUL) e a todos os Professores que se disponibilizaram para que este projeto se pudesse concretizar.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Sónia Silva, Mestrado em Psicologia das Emoções, Instituto Universitário de Lisboa (SCTE- IUL), Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, soniajfsilva@gmail.com,

Paula Carneiro, Investigadora Auxiliar, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, mpcarneiro@fp.ul.pt,

Patrícia Arriaga, Professora Auxiliar, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE- IUL), CIS-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, patricia.arriaga@iscte.pt.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Billieux, J., D'Argembeau, A., Lewicki, P., & Van der Linden, M. (2009). A French adaptation of the internal and external encoding style questionnaire and its relationships with impulsivity. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 59, 3-8. doi : 10.1016/j.erap.2008.09.002.
- Brainerd, C., Holliday, R., Reyna, V., Yang, Y., & Toglia, M. (2010). Developmental reversals in false memory: Effects of emotional valence and arousal. *Journal of Experimental Child Psychology*, 107, 137-154. doi: 10.1016/j.jecp.2010.04.013.
- Brainerd, C., & Reyna, V. (1990). Gist is the grist: Fuzzy-trace theory and the new intuitionism. *Developmental Review*, 10(1), 3-47. doi: 10.1016/0273-2297(90)90003-M.
- Brainerd, C., Stein, L., Silveira, R., Rohenkohl, G., & Reyna, V. (2008). How does negative emotion cause false memories?. *Psychological Science*, 19(9), 919-925. doi: 10.1111/j.1467-9280.2008.02177.x.
- Carneiro, P., Ramos, T., Costa, R., Garcia-Marques, L., & Albuquerque, P. (2011). Identificabilidade dos temas de listas formadas por associação retrógrada (backward): contributo para o estudo das memórias falsas. *Laboratório de Psicologia*, 9(1), 23-34.
- Deese, J. (1959). On the prediction of occurrence of particular verbal intrusions in immediate recall. *Journal of Experimental Psychology*, 58, 17-22. doi: 10.1037/h0046671.
- Dehon, H., LarØi, F., & Van der Linden, M. (2010). Affective valence influences participant's susceptibility to false memories and illusory recollection. *Emotion*, 10(5), 627-639. doi: 10.1037/a0019595.
- Dehon, H., LarØi, F., & Van der Linden, M. (2011). The influence of encoding style on the production of false memories in the DRM paradigm: New insights on individual differences in false memory susceptibility?. *Personality and Individual Differences*, 50, 583-587. doi: 10.1016/j.paid.2010.11.032.
- Detweiler-Bedell, B., Detweiler-Bedell, J., & Salovey, P. (2006). Mood-congruent perceptions of success depend on self-other framing. *Cognition and Emotion*, 20(2), 196-216. doi: 0.1080/02699930500294996.
- Forgas, J., & East, R. (2008). On being happy and gullible: Mood effects on skepticism and the detection of deception. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 1362-1367. doi: 10.1016/j.jesp.2008.04.010

- Forgas, J., Laham, S., & Vargas, P. (2005). Mood effects on eyewitness memory: Affective influences on susceptibility to misinformation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41, 574-588. doi: 10.1016/j.jesp.2004.11.005.
- Gonçalves, B., & Fagulha, T. (2003). Escala de depressão do centro de estudos epidemiológicos (CES-D). In M. Gonçalves, M. Simões, L. Almeida, & C. Machado (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa*, (Vol. 1, pp. 33-43). Coimbra: Quarteto Editores.
- Gonçalves, B., & Fagulha, T. (2004). The portuguese version of the center for epidemiologic studies depression scale (CES-D). *European Journal of Psychological Assessment*, 40(4), 339-348. doi: 10.1027/1015-5759.20.4.339.
- Hodge, M., & Otani, H. (1996). Beyond category sorting and pleasantness rating: Inducing relational and item-specific processing. *Memory & Cognition*, 24(1), 110-115. doi: 10.3758/BF03197277.
- Koriat, A., Goldsmith, M., & Pansky, A. (2000). Toward a psychology of memory accuracy. *Annual Reviews Psychology*, 51, 481-537. doi: 10.1146/annurev.psych.51.1.481.
- Lewicki, P. (2005). Internal and external encoding style and social motivation. In J.P. Forgas, K.D. Williams, & S.M. Laham (Eds.), *Social motivation: conscious and unconscious processes*, (pp.194-209). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Martin, M. (1990). On the induction of mood. *Clinical Psychology Review*, 10, 669-697. doi: 10.1016/0272-7358(90)90075-L.
- McCabe, D., Presmanes, A., Robertson, C., & Smith, A. (2004). Item-specific processing reduces false memories. *Psychonomic Bulletin & Review*, 11(6), 1074-1079. doi: 10.3758/BF03196739.
- Meyers-Levy, J. (1991). Elaborating on elaboration: The distinction between relational and item-specific elaboration. *Journal of Consumer Research*, 18, 358-367. doi: 10.1086/209265.
- Palmer, J., & Dodson, C. (2009). Investigating the mechanisms fuelling reduced false recall of emotional material. *Cognition and Emotion*, 23(2), 238-259. doi: 10.1080/02699930801976663.
- Pesta, B., Murphy, M., & Sanders, R. (2001). Are emotionally charged lures immune to false memory?. *Journal of Experimental Psychology*, 27(2), 328-338. doi: 10.1037//0278-7393.27.2.328.
- Roediger, H., & McDermott, K. (1995). Creating false memories: Remembering words not presented in lists. *Journal of Experimental Psychology*, 21(4), 803-814. doi: 10.1037/0278-7393.21.4.803.
- Ruci, L., Tomes, J., & Zelenski, J. (2009). Mood-congruent false memories in the DRM paradigm. *Cognition and Emotion*, 23(6), 1153-1165. doi: 10.1080/02699930802355420.
- Smith, R., & Hunt, R. (1998). Presentation modality affects false memory. *Psychonomic Bulletin & Review*, 5(4), 710-715. doi: 10.3758/BF03208850.
- Stemmler, G. (2003). Methodological considerations in the psychophysiological study of emotion. In R. J. Davidson, K. R. Scherer, & H.H. Gold Smith (Eds.), *Handbook of affective sciences*, (pp. 225-255). New York: Oxford University Press.
- Storbeck, J., & Clore, G. (2005). With sadness comes accuracy; with happiness, false memory: Mood and the false memory effect. *Psychological Science*, 16(10), 785-791. doi: 10.1111/j.1467-9280.2005.01615.x.
- Storbeck, J., & Clore, G. (2011). Affect influences false memories at encoding: Evidence from recognition data. *Emotion*, 11(4), 981-989. doi: 10.1037/a0022754.